

TRACCE
DI LUSOGRAFIE

A cura di VINCENZO RUSSO

*Tintas. Quaderni di letterature iberiche
e iberoamericane*, 2 (2012), pp. 9-37.

ISSN: 2240-5437.

<http://riviste.unimi.it/index.php/tintas>

Introduzione
(VINCENZO RUSSO)

11-12

[ARTICOLI]

MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO

O literário é político.

*A leitura em voo rasante de alguns tópicos
da obra de João Paulo Borges Coelho*

13-18

ROBERTO VECCHI

Letturature postcoloniali

e politiche di restituzione:

la narrativa di João Paulo Borges Coelho

19-24

MICHELA BENNICI

Memorie coloniali:

la Casa dos Estudantes do Império

25-37

IBEROAFRICA

Tintas. Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane, 2 (2012), pp. 11-12. ISSN: 2240-5437.

<http://riviste.unimi.it/index.php/tintas>

INTRODUZIONE

In occasione del congresso internazionale «Periferie post-coloniali. Le letterature dell’Africa subsahariana scritte in spagnolo e portoghese» organizzato nel maggio del 2012 dall’Università di Milano in collaborazione con l’Istituto Cervantes (sede di Milano) e l’Istituto Camões di Lisbona e la Cattedra “Eduardo Lourenço” dell’Università di Bologna, docenti, scrittori e studenti hanno riflettuto e dialogato sulle molteplici e intricate storie che le letterature scritte in spagnolo e in portoghese nello spazio geograficamente identificabile con l’Africa subsahariana hanno prodotto nei secoli non solo come semplice riflesso mimetico di letterature coloniali ma soprattutto come forma di resistenza, non esclusivamente culturale, alle imposizioni del colonialismo e più recentemente alle retoriche escludenti di certi regimi politici. Spesso al margine del canone curriculare e anche scientifico, pur se prodotte in lingue europee, queste letterature se da un lato hanno beneficiato – negli ultimi anni - di quell’apertura di credito concessa dai Postcolonial Studies (la cui genealogia critica in lingua portoghese e spagnola diverge tuttavia dalla vulgata anglofona) dall’altro rischiano di essere fagocitate senza distinzione, anche attraverso l’etichetta di Letteratura Postcoloniale, in generiche costellazioni dell’Ispanofonia o della Lusofonia che riproducono, pur inconsciamente, visioni parziali e schemi eurocentrici. Ci viene in soccorso allora il più funzionale contenitore delle letterature nazionali che nel caso però di letterature come quelle del Mozambico o dell’Angola per non parlare di Capo Verde o di São Tomé e Príncipe va calato nei vari contesti geopolitici e socio-linguistici talmente ricchi e complessi che la testualità prodotta in lingua portoghese, pur se maggioritaria, può indurre a un errore di percezione che appiattisce la ricchezza di quelle realtà culturali alla sola proiezione dell’idioma degli antichi colonizzatori.

Il dossier monografico della parte “lusofona” ricalca quasi interamente il programma del Congresso che ha visto tra i vari protagonisti lo scrittore mozambicano João Paulo Borges Coelho, romanziere, saggista e docente di Storia Contemporanea del Mozambico e dell’Africa australe presso l’Università Eduardo Mondlane di Maputo, portoghese di nascita (Porto, 1955) ma di nazionalità mozambicana per una scelta deliberata. Con un’opera narrativa (di romanzi e racconti) ormai consistente (nove i volumi usciti fra il 2003 e il 2011) e una buona proiezione internazionale (in Italia, sono già usciti due romanzi ed è in corso di pubblicazione una raccolta di racconti), João Paulo Borges Coelho rappresenta uno snodo importante per una riflessione teorica sul ruolo della Letteratura Mozambicana contemporanea nel contesto civile e culturale della nazione.

La complessa esegesi che richiede l'opera di Borges Coelho è il punto di partenza critico dei due articoli di Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi. Il primo, «O literário é político – leitura em voo rasante de alguns tópicos da obra de João Paulo Borges Coelho» si concentra sullo stratificato rapporto tra Storia e rappresentazione narrativa, un rapporto che – al di là dei ben conosciuti meccanismi di sovrapposizione e alterazione dei codici delle memorie in nome di una memoria ufficiale – nel caso mozambicano, sullo sfondo di due guerre successive (quella di Liberazione dal colonialismo portoghese, e quella civile fra opposte fazioni politiche) nella seconda metà del Novecento, evidenzia assordanti silenzi storiografici nella costruzione condivisa di un passato nazionale. Proprio di una ricognizione per tracce di questo passato largamente traumatico, costitutiva di una certa letteratura postcoloniale, ci parla Roberto Vecchi che nell'articolo «Letterature Postcoloniali e politiche di restituzione: la narrativa di João Paulo Borges Coelho», adotta il concetto, anche semanticamente denso di restituzione, per leggere negli interstizi della scrittura storica e della scrittura letteraria di João Paulo Borges Coelho piuttosto che un dualismo la prassi di un progetto più ampio di arte restitutiva della memoria. Infine, accanto a questi contributi, si pubblica in questa sezione il testo di Michela Bennici che, pur non presentato al Congresso, rientra nell'ambito delle linee di ricerche sulla storia culturale dell'Impero Portoghese e sulle propaggini sociali, politiche e letterarie che esso ha prodotto, condotte dall'area di Portoghese del nostro Dipartimento. L'articolo, «Memorie coloniali: la Casa dos Estudantes do Império», verte sul ruolo storico e altamente simbolico della residenza universitaria – incubatore di idee nazionaliste e anticolonialiste – istituita da Salazar negli Anni Quaranta per ospitare gli studenti africani dell'élite coloniale che si recavano a Lisbona per studiare.

VINCENZO RUSSO

Università degli Studi di Milano

vincenzo.russo1@unimi.it

O literário é político. A leitura em voo rasante de alguns tópicos da obra de João Paulo Borges Coelho

MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO

Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra
Cátedra Eduardo Lourenço, Universidade de Bolonha

margaridacr@ces.uc.pt

A fantasia escreve a crónica.

José Luandino Vieira

Numa reflexão sobre a “Memória das Guerras Moçambicanas”, apresentada no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, João Paulo Borges Coelho adverte, logo de início que, no curto espaço de cerca de trinta anos Moçambique viveu duas guerras praticamente sucessivas. A primeira que se configura como uma Guerra de Libertação (1964-1974) – envolvendo as forças armadas coloniais portuguesas e uma frente nacionalista, FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) – criou as condições para a independência nacional, a que se seguiu a revolução socialista¹. A segunda, de natureza difusa, difícil de classificar e de designar por um nome consensual, mas ainda filha não só da primeira, como também de todo o contexto da Guerra Fria e do Apartheid da vizinha África do Sul, devastou todo o território moçambicano ao longo de dezasseis anos, tendo começado em finais da década de 1970 e durou até 1992, acentuando ainda mais a divisão do país, como bem mostrou João Paulo Borges Coelho no seu romance de “identificação de um país” (a expressão é do historiador português José Mattoso) que é *As Duas Sombras do Rio*². Em 1992 com a assinatura do Acordo de Paz, mediado pelas Nações Unidas, pôs-se fim ao esgotamento e estrangulamento do país e foram criadas condições para as

¹ Conferência proferida no Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, 5 de Julho, 2007. Moçambique ascendeu à independência em Junho de 1975, tendo a FRELIMO assumido o poder.

² João Paulo Borges Coelho, *As Duas Sombras do Rio*, Lisboa, Caminho, 2003.

mudanças, rumo ao multipartidarismo e à democracia. Assim a memória recente dos moçambicanos, e do nosso escritor em particular, que tinha vinte anos no ano da independência, 1975, está povoada por um quotidiano atingido pela guerra, nas suas várias e violentas vertentes e configurações. Se a isto juntarmos toda a violência política, social e epistémica do longo momento colonial e das suas heranças no Estado pós-independência, a herança dos moçambicanos é pesada, e é também por isso, ou seja, para lidar com o peso da história – que é simultaneamente o quotidiano das pessoas – que a narrativa da nação se liga e se legitima no momento crucial da luta de libertação que trouxe a independência, como momento fundador da nação e de inquestionável glória. Para além de tudo aquilo que é aparentemente interno, esta é a narrativa que se opõe e se constitui como alternativa à narrativa colonial e que assim, e num primeiro momento, coloca sob suspeita a “história única” de que nos fala a escritora nigeriana Chimamanda Adichie, na sua já muito citada conferência de Oxford, «The danger of a single story»³, referindo-se à hegemonia da narrativa histórica e literária produzida a partir da Europa.

Assim, a Guerra de Libertação constitui a grande narrativa-marcha contra o colonialismo e foi desta forma que a língua portuguesa, que foi a língua da opressão colonial, se tornou também a língua da emancipação, inscrita numa literatura que denuncia o colonialismo e a exploração e anseia pela liberdade para depois se afirmar como uma literatura de combate. A história da luta e a literatura que a alimenta, constitui assim o âmbito da narrativa identitária do país, mas também e simultaneamente do regime da FRELIMO que assume o poder na independência e se afirma como a única força capaz de liderar a missão de construir a nação rumo ao socialismo. E foi assim que, nos primeiros anos de independência, em nome da criação de um homem novo, se uniformizaram diferenças entre povos, culturas, religiões e modos de estar e se foi produzindo uma narrativa-história mais preenchida por heróis ficcionados do que orgânicos, por acontecimentos mais falseados que reais, por fantasias que ia ocultando fantasmas. Os acontecimentos assim narrados e legitimados pelo poder e pelos seus protagonistas transformam-se em mito, apreendido desde a escola, e em pouco tempo esta narrativa nacional, de inimigo concretamente identificável (o colonialismo português) ganha uma feição de verdadeira mitologia coletiva nacional, em que o individual – a memórias dos guerrilheiros, por exemplo, que vêm por vezes perturbar este discurso homogêneo, inquestionável e escolar – fica submerso num discurso coletivo, que começa a excluir mais do que incluir, a silenciar mais do que a narrar, a ficcionalizar mais do que a historicizar. A história como a ciência que tem a função de narrar e activar a pluralidade das narrativas, fica suspensa, porque, como nos mostra bem Eduardo Lourenço, o mito não é história, mas a imagem da história. E a própria ideia de consenso gerada em volta da narrativa nacional, faz parte do mito, que assim silencia outras possíveis narrativas e o silêncio torna-se o grande campo do poder. Mas, como diz o escritor angolano Manuel Rui, «o silêncio é uma fala»: ele revela a tensão da história com o poder, da memória pública com a memória privada. E é aqui que entra a literatura, com as suas estórias em que «a verosimilhança é muitas vezes toda a verdade», como dizia Machado de Assis, ou os testemunhos dos guerrilheiros, maioritariamente orais, que na

³ Disponível em: http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html (documento consultado: 15/08/2012).

sua função inicial de testemunho, interrogam a memória oficial denunciando o «perigo da história única» por ela construída e provocando a tensão socialmente necessária entre a memória individual e a memória oficial, abrindo o caminho para a pluralidade de narrativas. Todavia, em Moçambique utilizando exatamente o mesmo tipo de suporte – o testemunho – têm vindo a dar à estampa algumas memórias-narrativas de nomes ligados aos primeiros governos da FRELIMO, que vêm pela via do testemunho-memória acentuar, mas também individualizar e matizar a metanarrativa, pretensamente coletiva, construída pela FRELIMO. Esta linha, iniciada por Jacinto Veloso em *Memórias de um Voo Rassante* (2007) e continuada, por exemplo, por Sérgio Vieira com *Participei, por isso testemunho* (2010) coloca em questão a própria funcionalidade da literatura-testemunho surgida na sua essência para dar voz àqueles que não têm ou não tiveram voz na história que viveram, de que na época contemporânea, são exemplos primordiais os testemunhos de sobreviventes do Holocausto ou de muitas outras formas de exclusão como foram, por exemplo, os regimes ditatoriais da América do Sul. Que silêncio é que estes testemunhos-memórias pretendem preencher? Ou que outro silêncio pretendem construir? Ou ainda que ruído pretendem introduzir em relação à narrativa nacional da luta e da Guerra de Libertação por eles protagonizada?

Outro é porém o silêncio produzido pela guerra civil. De facto, esse é um silêncio colectivo, sem prévio acordo, mas aparentemente consensual. Não há ainda em Moçambique uma narrativa da guerra civil, uma guerra sem nome, sem heróis e sem batalhas. Para o poder, ela fractura e acusa a vulnerabilidade da narrativa da Guerra de Libertação e portanto da nação, e, no limite, do próprio regime que com ela se legitimou como a única forma de poder para levar a cabo as conquistas da independência e da revolução; para os antigos opositores ela é inconfessada e inconfessável; para os vizinhos regionais, nomeadamente a África do Sul, ela agita dessassossegados fantasmas; para a comunidade internacional, é mais uma guerra dos orfãos africanos da Guerra Fria. Em Moçambique, na sua configuração política atual de domínio eleitoral da FRELIMO, a guerra civil é o fantasma íntimo da narrativa da nação, que não se consegue reelaborar pelo menos em “inimigo complementar”, como habitualmente dizem os franceses. E é aqui que entra a literatura moçambicana pós-independência, que não resiste à narração: *Babalaze das Hienas*, de José Craveirinha, *Terra Sonâmbula* de Mia Couto, *Ventos do Apocalipse*, de Paulina Chiziane, várias vozes poéticas e, muito particularmente, a escrita académica e a escrita literária de João Paulo Borges Coelho, questionam este desencontro com a história, ao mesmo tempo, que se manifestam pela responsabilidade ética e política de assegurar as condições essenciais ao direito de narrar e de promover a pluralidade da narração, combatendo assim o perigo da *outra história única*, para retomar a perspectiva da escritora nigeriana já citada, Chimamanda Adichie, relativamente à narrativa colonial e às outras histórias únicas. É assim que a literatura moçambicana pós-independência vem preencher o «vazio historiográfico» – para usar uma expressão de Roberto Vecchi, num outro contexto – na sua capacidade de inscrever na história a estória de uma personagem, e assim inibir os silêncios e denunciar os sonoros ruídos. Estória de uma personagem, registo de um ambiente, percepção de uma geografia, celebração de um amor, que alterou a história do mundo, mas que de outro modo ficaria submerso no grande curso da história. Nesta medida a literatura pode tornar-se um «inimigo íntimo» da história, ou numa leitura mais apaziaguadora um «amigo complementar», dependendo dos contextos em que actua. Mas

os textos que ela produz serão sempre um espaço de desinquietação dos seres, de reinterrogação do espaço, de desarrumação do discurso histórico esperado e de tensão entre uma memória individual, por ela também representada, e a memória pública de que o discurso histórico de sentido único também faz parte.

Como defende Rita Chaves, «sem fazer romance histórico, João Paulo revela-se preocupado com alguns elementos que fazem parte do reino de sua outra função, entre os quais destaca-se o universo da memória»⁴. Mas João Paulo Borges Coelho não actua na recuperação de tempos históricos antigos como o seu colega Mia Couto fez em *O Outro Pé da Sereia* ou Ungulani Baka Khosa em *Ualalapi*. O tempo da escrita de João Paulo Borges Coelho é o intenso presente ou um passado próximo que se manifesta e perturba o presente, enquanto herança que activa as mudanças de um país e é assim que a sua escrita se ergue no universo da literatura moçambicana atual como um exercício contra o esquecimento e um questionamento dos múltiplos silêncios historiográficos por via da literatura. Este é sem dúvida o seu território de caça e desde os seus primeiros escritos a tensão entre literatura-história-memória enforma os seus textos, maioritariamente situados num contexto pós-independência.

O primeiro romance de João Paulo Borges Coelho, *As Duas Sombras do Rio* (2003) é, para os meus olhos europeus, ocidentais, um trabalho de antrópologo em literatura que abre o campo da literatura moçambicana, mais referenciada e produzida a Sul, a outros espaços, outros povos, outras vozes e outros arquivos do país. Mas não no traço colonial de procura de um exotismo ou da tradição que ali veria o berço de identidades perdidas. Trata-se antes de um apelo político a uma *Nova Geografia* pós-guerra civil – para usar o eco do pronunciamento do geógrafo brasileiro Milton Santos – que acolhe as diversidades de Moçambique não como um problema a eliminar, como nos primeiros anos da revolução, mas como uma riqueza a resgatar. Uma nova Geografia não apenas portanto na senda de Milton Santos, mas na absoluta necessidade de re-cartografar e re-identificar um país: *Indícios Indícios*, nas suas duas latitudes – I – *Setentrião* e II – *Meridião* – vai prosseguir esta missão cartográfica com as estórias que compõem a história e sobretudo com a recuperação da memória dos lugares. Mas provavelmente será *Campo de Trânsito* a narrativa mais iminentemente política e trágica de João Paulo Borges Coelho, em que o autor interpela a história e o poder. *Campo de Trânsito* é a narrativa possível de uma sociedade que exerce as maiores violências em nome de uma utopia, a partir do facto histórico nunca mencionado do que foram os campos de reeducação em Moçambique – e de todos os campos de concentração do mundo – e do trauma que estes espaços inscreveram na sociedade, narrado através do seu personagem J. Mungau, que sem entender é levado para um campo, onde se torna o prisioneiro 15.6 de um espaço onde se formavam (ou deformavam) seres, sem memória, e portanto sem resistência, ficando à mercê dos mais fortes. O grau de vulnerabilidade em que as pessoas se encontravam face a um poder que se exerce arbitrariamente sobre elas denuncia os limites éticos e humanos do poder e a entrada na irracionalidade de que os dirigentes do campo são representantes. E é assim que, a meu ver e de forma muito breve neste ensaio, a escrita de João Paulo Borges Coelho se afirma também como o lugar das subjectividades da história, pelo reconhecimento de que tam-

⁴ Rita Chaves, «Notas sobre a ficção e a história em João Paulo Borges Coelho» in Margarida Calafate Ribeiro, Maria Paula Meneses, *Moçambique - Das palavras escritas*, Porto, Afrontamento, 2008, p. 193.

bém as subjectividades do sujeito fazem parte do andamento da história e, no limite, a fazem regressar à marcha pela humanidade. À semelhança de *Campo de Trânsito* que lida com o impacto do poder socialista na vida das pessoas, também em *Crónica da Rua 513.2* a narrativa centra-se no impacto do pós-independência na cidade de Maputo na vida das pessoas, com a saída dos colonos portugueses, e do seu sentimento de perda, e o realojamento dos moçambicanos numa rua de colonos e o seu sentimento de ganho. Aqui, nesta rua que é um micro-cosmos de um país em acelerada transformação, vão desenhar-se as construções de novos poderes e de novas vulnerabilidades face ao poder, agora não mais o poder colonial mas o poder que liderou a independência. Mas enquanto *Campo de Trânsito* nos dá a cartografia de um espaço de exclusão da nova nação habitado por identidades fundadas pelo silêncio, *Crónica da Rua 513.2* mete em cena personagens comuns que vão reagindo ao estado suspenso da história que os fundadores/heróis da nação independente lhes vão proporcionando integrar e interpretar, ao mesmo tempo que excluem da nova nação os antigos colonos. Em ambos a inquietude e a vulnerabilidade dos seres e da sua condição face ao poder nas suas várias, pequenas e grandes, expressões.

As terras de Moçambique, que o poeta Eduardo White apresenta como uma janela para o Oriente e Eduardo Lourenço vê como uma varanda sobre o Índico, constituem a janela de observação do mundo de João Paulo Borges Coelho, a partir da qual reflete sobre os temas que enformam a sua obra - o poder, a condição humana, a memória dos actos e dos rastos, dos caminhos e dos trilhos. Estas terras de Moçambique foram e continuam a ser espaços de encontro de pessoas, de culturas, de memórias e de esquecimentos. Estes encontros, rematando rotas marítimas e continentais milenares, e unindo povos, línguas, religiões e saberes, são o fermento do tecido social do Moçambique⁵ que a obra de João Paulo Borges Coelho ajuda a resgatar e a compreender, como país criado pela modernidade colonial europeia, e portuguesa em particular, que emerge para uma independência marcada pela luta e pela guerra. Desta forma a obra de João Paulo Borges Coelho é uma obra que está sendo escrita à espera da História, representando na literatura moçambicana uma literatura de fundação virada para o futuro, como a literatura de Mia Couto também o é, e, para usar um exemplo muito clássico, mas da minha paixão, como o texto camoniano foi e ainda pode ser para a nação portuguesa. Pelos temas que aborda e sobretudo pela maneira como os aborda, a obra de João Paulo Borges Coelho questiona a sociedade moçambicana sobre os seus protocolos de recordação e esquecimento, ou seja, sobre o que fica consensualizado como o que se deve recordar e o que se deve esquecer. Denuncia o silêncio que este consenso gera, e nessa medida, é uma obra que exige do regime democraticamente eleito uma democracia com memória, pois João Paulo Borges Coelho não renuncia à liberdade de ser, de escrever e de assim tecer os outros lados dos «outros» da História.

⁵ Texto reelaborado a partir do texto que escrevi com Maria Paula Meneses, «Cartografias literárias incertas» e que constituiu a introdução do livro que organizámos *Moçambique – Das palavras escritas*, Porto, Afrontamento, 2008.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adichie, Chimamanda, «The danger of a single story», in http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html (documento consultado: 15/08/2012).
- Chaves, Rita, «Notas sobre a ficção e a história em João Paulo Borges Coelho», in Margarida Calafate Ribeiro – Maria Paula Meneses, *Moçambique - Das palavras escritas*, Porto, Afrontamento, 2008.
- Coelho, João Paulo Borges, *As Duas Sombras do Rio*, Lisboa, Caminho, 2003.
- , *Índicos Índicios – Setentrião*, Lisboa, Caminho, 2005.
- , *Índicos Índicios – Meridião*, Lisboa, Caminho, 2005.
- , *Crónica da Rua 513.2*, Lisboa, Caminho, 2006.
- , *Campo de Trânsito*, Lisboa, Caminho, 2007.

Letterature postcoloniali e politiche di restituzione: la narrativa di João Paulo Borges Coelho

ROBERTO VECCHI

Università degli Studi di Bologna

roberto.vecchi@unibo.it

Quando lo storico e lo scrittore si incontrano all'interno della stessa scrittura può accadere, almeno dal punto di vista critico, un piccolo evento meritevole di attenzione e riflessione concettuale, soprattutto quando il tema in gioco è quello, scivoloso, delle cosiddette letture postcoloniali. Si tratta infatti sempre di un piano inclinato piuttosto pericoloso: quello dove vero e reale possono essere confusi o diluiti nelle maglie del testo, cancellando così tutte le pagine ed i pensieri spesi per configurare i rapporti tra mondi così diversi e problematicamente riducibili, quello della letteratura e quello della storia, che cercano un loro "comune" appunto nella scrittura. Riesce dunque più facile partire forse dalla percezione che lo stesso storico e scrittore, nel nostro caso il narratore mozambicano João Paulo Borges Coelho, formula a proposito della scrittura, suggerendo che, tra i modi possibili per superare tale dualismo funzionalistico, vi può essere quello di una politicizzazione dell'arte o dell'ufficio stesso di scrivere:

O propósito primeiro da escrita -académica ou literaria não é ilustrar nem cumprir rituais (incluindo o de ganhar dinheiro), não é dar provas de obediência. É ajudar a diminuir o sofrimento da existência (no sentido literal e cultural); é combater a ignorância; é, munidos de inteligência e das armas da escrita que o destino pôs em nossas mãos, ajudar a transformar o nosso local concreto sem perder de vista que fazemos parte do universal. Um projecto ambicioso mas do qual não podemos escapar¹.

¹ João Paulo Borges Coelho, «Escrita académica, escrita literária» in Margarida Calafate Ribeiro – Maria Paula Meneses, *Moçambique – Das palavras escritas*, Porto, Afrontamento, 2008, p. 236.

Pur se attraverso questa soglia largamente scontata, almeno quando è in gioco l'opera già consistente e pluripremiata dello scrittore mozambicano (ma "nascido no Porto", una irriverenza che fa saltare alcuni stereotipi postcolonialistici), vorrei qui molto semplicemente soffermarmi in termini riflessivi sulla circostanza – che in parte rinvia al problema che dicevamo della doppia scrittura, accademica e letteraria – del mestiere di storico di João Paulo Borges Coelho e della sua opera letteraria. Questa doppia condizione di storico e scrittore, sia pure come tempi e modi irriducibili tra loro, impone infatti una riflessione sul rapporto tra il tempo, la memoria, la scrittura ed il passato in un intellettuale che per la sua storia personale si trova sempre in un *in-between* problematico, tra Africa ed Europa, tra Mozambico e Portogallo, all'interno di quello che può essere visto come un dilemma (dinanzi alla domanda su quale sia la identità prevalente) e che invece porta con sé la potenza della pluralità, del polifonico, del molteplice. Insomma, il contributo di pensiero che deriva da queste multiple possibilità di porsi rispetto al tempo e al luogo, sia esso quello del passato coloniale, o quello di una indipendenza della nazione che incontra, nelle particolarità di una strada o di un regime, di un fiume o di un oceano, il respiro universale di una condizione aperta e porosa, di tutti e pertanto anche nostra, attraverso lo scrivere come modo di guardare il tempo, è non solo importante ma ci interroga anche a proposito dei saperi critici.

Se la relazione dunque tra storia e letteratura è permanentemente in gioco nell'opera di João Paulo, la questione tuttavia più interessante, in questo quadro, è proprio domandarsi se la letteratura sorga come alternativa o come complemento della storia, in un contesto che è stato segnato e in profondità (e la sua letteratura ne risente in modo sostanziale) da guerre che si sono estese per circa un quarantennio: guerre ad intensità e morfologia del tutto differenziate, dai tempi della decennale guerra coloniale del Portogallo contro i movimenti indipendentistici delle colonie (in Mozambico durò appunto dal 1964 al 1974), alla guerra civile senza nome (la *guerra dos 16 anos*) tra il 1976 e il 1992, combattuta all'ombra dei riflettori dei media internazionali con enormi quanto irrapresentati spargimenti di sangue. Peraltro la critica dell'opera di Borges Coelho persegue il tema dello storico scrittore con ossessione: l'interrogativo è quello ricorrente appunto dove finisca uno e inizi l'altro, nella persuasione da parte della critica più avvertita che esistono punti di contatto, ma anche che i due campi si confrontano con relativa autonomia o, come osserva con proprietà la africanista brasiliana Rita Chaves, studiando le due opere esordiali dello scrittore, «*atualiza uma concepção de literatura que não quer se confundir com a história nem substituí-la no que ela tem de particular*»².

Da qui si può derivare, anche concettualmente, l'importantissimo connettore che esercita tra i due campi il lavoro della memoria. Memoria privata che si espone e si rende pubblica, memoria intima che emerge e va a colmare i vuoti e le lacune della memoria collettiva, ma che comunque non si può riversare se non attraverso molte mediazioni e trasformazioni nelle forme contrattualizzate della storia. La prossimità, del resto, non è solo perspicua ma, assai discretamente, nelle note che accompagnano la scrittura. Si potrebbe tra l'altro osservare che la forma della narrativa saggistica, dove prevalga lo storico sullo scrittore, o istituisca una relazione gerarchica tra le due funzioni, potrebbe prendere il sopravvento, con una prosa trapuntata di apparato e invece questo non accade.

² Rita Chaves, «Notas sobre a ficção e a história em João Paulo Borges Coelho» in Margarida Calafate –Maria Paula Meneses, *op. cit.*, p. 198.

Lo storico rimane ai margini e non invade, anche quando potrebbe pienamente e legittimamente farlo, il campo della letteratura. Ne sono esempio l'epigrafe del romanzo storico *O olho de Hertzog* che definisce in modo preciso i rapporti tra letteratura e storia: «Muitos actos que adiante se relatam foram reais, embora se suspeite que a realidade não passa de uma massa de contornos imprecisos. Quanto a quem os praticou, reais ou não, são – parafraseando Durrel – animais que não existem»³ o quando in *Índicos indícios*, alcune *estórias* (come «As cores do nosso sangue» de *Setentrião* ou «Balada de Xefina» de *Meridião*) sono derivate direttamente o per contrappunto da saggi storici.

Semmai una dimensione storica è percepibile nel disegno letterario di Borges Coelho, in modo molto chiaro sin da uno dei primi romanzi come *As visitas do Dr. Valdez* ma con una disseminazione pervasiva di buona parte dell'opera, ossia come il tempo coloniale sia a tutti gli effetti un tempo della nazione. Qui, in crisi entra una nozione eccessivamente dogmatica di postcolonialismo che non tenga conto delle lezioni più avvertite (come per esempio quella ormai classica di Stuart Hall) che non tenga conto della dimensione più trasparente e inafferrabile della colonialità che persiste come piega anche nel tempo che va oltre il colonialismo. In questo senso, la valorizzazione di una piega “politica” che intersechi il tempo subalterno della colonia al tempo sempre eterogeneo e segnato dalla differenza della nazione, permette di accostare l'opera di Borges Coelho ad un'altra opera monumentale dell'Africa che scrive in portoghese, quella di José Luandino Vieira con la sua testarda battaglia politica sul riuso di António de Oliveira Cadornega (lo storiografo e militare portoghese del '600) e la sua *História geral das guerras angolanas* (1680) come una fonte a pieno titolo dell'Angola indipendente, una circostanza questa che mette in crisi le ideologie escludenti sottese dai progetti di storiografia letteraria della “nuova” Angola.

È in questa prospettiva che l'opera di João Paulo Borges Coelho, in modo discreto ma non per questo meno articolato, alimenta con un contributo critico la riflessioni sui cosiddetti studi postcoloniali proprio riproblematizzando le connessioni dei campi disciplinari, non solo peraltro di letteratura e storia, ma della molteplicità frammentaria di saperi, immagini, segni, desideri che una storia largamente strozzata dalla condizione di subalternità conserva ma non articola in alcuna sostanza discorsiva. È insomma una narrativa che persegue un disegno estetico, ma dove questo disegno, legato ad un legame implicito tra bello e buono, imbastisce anche una trama speculativa più sottile che rinvia alla riflessione sulla colonia, sul “dopo colonia” e l’“oltre colonia”. Non soltanto perché il Mozambico è stato parte di quel complesso e intricato congegno coloniale che poteva portare il nome – comune e non proprio – di *império* o di *ultramar*. Un imperialismo che si struttura anche attraverso movimenti temporali retroattivi, o rotture o asincronismi come osserva Boaventura de Sousa Santos⁴ ove l'apporto della immaginazione imperiale e altrettanto determinante rispetto alla storia della colonizzazione, tanto da fare della letteratura un luogo in un qualche modo privilegiato per dare forma all'«equilibrio dinamico» tra frammentazione ed omogeneità⁵.

È molto più interessante pensare all'intellettuale Borges Coelho, non tanto come intellettuale permanentemente in bilico tra mondi e campi, mondi storici e geografici o campi

³ João Paulo Borges Coelho, *O olho de Hertzog*, Alfragide, Leya, 2010, p. 7.

⁴ Boaventura de Sousa Santos, «Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, Pós-colonialismo e Inter-identidade», in *A gramática do tempo. Para uma nova cultura política*, Porto, Afrontamento, 2006, p. 232.

⁵ *Ivi*, p. 239.

disciplinari. È infatti forse più appropriato pensare al legame, alla relazione, a ciò che può essere messo in comune e che può disegnare la linea di forza di un pensiero che va oltre le ristrettezze delle singole letture o delle generalizzazioni di comodo disciplinare. Qui, mi sembra che possa essere individuato e discusso un elemento critico di convergenza che contribuisce peraltro a fare pensare, in modo meno estemporaneo o sommario, anche gli studi delle letterature o dei postcolonialismi che tanto ci affascinano. Direi infatti che lo storico e lo scrittore forse si riconoscono dinanzi a un concetto che può dischiudere un diverso sguardo sul passato e sul presente dell’Africa, che tenga insieme, metta in comune, pur nella loro autonomia, un progetto storico con una opera letteraria. Questo concetto che promuove una revisione di un ambito controverso e dibattuto, potrebbe essere allora quello di restituzione.

Intendo qui la restituzione come un atto complesso dal momento che interseca diversi saperi (diritto, psicanalisi, critica letteraria e culturale, filosofia politica, tra gli altri), riconducibile all’interno di una poetica o di una narrazione, ma soprattutto perché muove dal collasso della nozione giuridica, propria del diritto romano, di *restitutio ad integrum* che, nel caso dei contesti già coloniali, viene proiettata sul piano della impossibilità o, si potrebbe anche dire, delle possibilità esclusivamente fantasmatiche. Il concetto di *restitutio ad integrum* rappresenta infatti una delle tutele giuridiche più antiche, già prescritte come dicevamo dal diritto romano, in base alla quale si ristabilisce uno *status quo antes* modificato in modo illegittimo (essa appartiene peraltro ai poteri straordinari del *Praetor* che poteva esercitarlo anche in nomi di assenti, minori o incapaci)⁶. Come in un certo senso, si potrebbe osservare, faceva, nella stessa tradizione, l’*auctor*, che in altri contesti contribuisce a ripensare, come fa Giorgio Agamben (1998), alla aporia del testimone.

Fuori dal contesto giuridico, è opportuno ricordare il dibattito avvenuto negli anni ‘90 negli studi latinoamericanistici, grazie al contributo di critici come Enrico Mario Santí o Alberto Moreiras, sul tema del «latino-americanismo» (ricollegato alla problematica dell’orientalismo resa celebre dal lavoro di Edward Said). Viene peraltro recuperata in questa discussione la idea seminale di Geoffrey Hartman di una “poetica della restituzione” sviluppata in «The Philomela project», progetto che già dal nome mostra il suo legame evidente con gli studi postcoloniali, in particolare del discussione sulla vocalizzazione negli Studi Subalterni (e il tentativo, come nel mito, di afferrare comunque il senso del silenzio), rivolto al restauro («restoration») delle voci delle persone che non possono parlare («inarticulate»)⁷. Hartman infatti capta che il processo di restituzione, tra presenze e assenze, è inesauribile («the process of restitution, of righting wrongs, seems endless»)⁸ e soprattutto lo proietta nel campo politico, della soggettività etica («a new, spiritually as well as politically effective, respect»)⁹.

In questa visione che ritaglia «fiction legali» attraverso cui gli storici creano personaggi per le presenze-assenze del passato, Santí tende a valorizzare le “ermeneutiche compen-

⁶ Eugenio Santí, *Ciphers of History. Latin American Readings for a Cultural Age*, New York, Palgrave Macmillan, 2005, p. 88.

⁷ Geoffrey H. Hartman, *Minor Prophecies. The Literary Essay in the Culture Wars*, Cambridge-London, Harvard University Press, 1991, p. 169.

⁸ *Ivi*, p. 170.

⁹ *Ivi*, p. 174.

satorie” delle perdite della restituzione, discutendo quali figure sono create per colmare le assenze implicite nelle poetiche restitutive e proponendo la ipotesi che la restituzione, come pratica critica, è sempre, concettualmente, supplementare, visto che compensa lacune precedenti, dunque eccede – più che restaura – un originale che definitivamente si è perduto e dissolto¹⁰.

Il gesto della restituzione, in questo modo, sarebbe sempre più ampio in rapporto a quello che si vuole restituire perché, riempiendo un vuoto, con esso si investirebbe sempre più forza o addirittura si finirebbe col modificare l’oggetto stesso.

In questa riconcettualizzazione allora, il problema della restituzione, dinanzi alle voci mute, passa dalla parte dell’interprete e non rimane invece accanto all’oggetto che, tra l’altro, nella più parte dei casi, è frammentario o perduto. Quello che così finirebbe col prevalere è l’interesse non già per la restituzione in sé – in assoluto impossibile – quanto per come essa avviene e non tanto per ciò che essa sia in grado effettivamente di riscattare. In questo senso, come già accennavamo, siamo molto vicini all’ambito degli studi subalterni: la restituzione, nel suo rapporto con un altro termine non coincidente, quello di restauro («restoration»), pone il problema non solo poetico, ma soprattutto politico dell’interprete che parla “a nome di” o di colui che parla «dal punto di vista dell’altro»¹¹ sovrapponendo la propria voce alla voce dell’altro. Così, l’idea della restituzione che incorporerebbe, come annota Alberto Moreiras, una specie di «surplus economy»¹² ed illustra adeguatamente la filologia come una pratica ermeneutica (oltre che simbolica) correlativa che problematizza come leggere un testo (o un passato) degradato e lacunoso, senza tradirlo, senza trasformarlo, attraverso il gesto della restituzione non criticamente formulata o praticata in quanto restauro, in un testo contemporaneo e irriducibilmente altro.

Come già Gramsci aveva segnalato in un *Quaderno seminale* (il n. 25 del 1934) sempre per la configurazione epistemologica degli studi subalterni, *Ai margini della storia (storia dei gruppi sociali subalterni)*, la storia «disgregata e episodica» dei gruppi sociali subalterni, priva quasi del tutto di traccia storica, può di contro essere recuperata attraverso un esercizio creativo e metodico (una restituzione, appunto) di ricerca che utilizzi indizi deboli e dispersi, sfuggiti alla intenzione della storia ufficiale, per costruire storie alternative dal punto di vista non dominante¹³. Per questo, proporrei di leggere lungo questo crinale, esiguo e accidentato, l’opera di João Paulo Borges Coelho nei suoi svariati campi di pensiero e narrazione e di pensare in questi termini al gesto «comune» – e comunque sempre «politico» – della sua straordinaria ed acuta doppia – ed unica – arte restitutiva.

¹⁰ Eugenio Santí, *Ciphers of History. Latin American Readings for a Cultural Age*, New York, Palgrave Macmillan, 2005, p. 89.

¹¹ *Ivi*, pp. 13 e 18.

¹² Alberto Moreiras, *The Exhaustion of Difference: The Politics of Latin American Cultural Studies*, Durham and London, Duke University Press, 2001, pág. 154.

¹³ Antonio Gramsci, *Quaderni del carcere*, edizione critica a cura di Valentino Gerratana, Roma, Editori Riuniti, 1991, III, p. 2283.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agamben, Giorgio, *Quel che resta di Auschwitz. L'archivio e il testimone*, Torino, Bollati Boringhieri, 1998.
- Chaves, Rita, «Notas sobre a ficção e a história em João Paulo Borges Coelho», in Margarida Calafate Ribeiro – Maria Paula Meneses, *Moçambique – Das palavras escritas*, Porto, Afrontamento, 2008, pp. 187-198.
- Coelho, João Paulo Borges, *Índicos indícios I. Setentrião: estórias*, Lisboa, Caminho, 2005.
- , *Índicos indícios II. Meridião: estórias*, Lisboa, Caminho, 2005.
- , *O olho de Hertzog*, Alfragide, Leya, 2010.
- , «Escrita académica, escrita literária», in Margarida Calafate Ribeiro – Maria Paula Menses, *Moçambique – Das palavras escritas*, Porto, Afrontamento, 2008, pp. 229-236.
- Gramsci, Antonio, *Quaderni del carcere*, edizione critica a cura di Valentino Gerratana, Roma, Editori Riuniti, 4 voll., 1991.
- Hall, Stuart, «When Was 'the Post-colonial'? Thinking at the limit» in Iain Chambers – Lidia Curti (eds.), *The Postcolonial Question. Common Skies, Divided Horizons*. London–New York, Routledge, 2006, pp. 242-260.
- Hartman Geoffrey H., *Minor Prophecies. The Literary Essay in the Culture Wars*, Cambridge-London, Harvard University Press, 1991.
- Moreiras Alberto, *The Exhaustion of Difference: The Politics of Latin American Cultural Studies*, Durham and London, Duke University Press, 2001.
- Santí, Eugenio, *Ciphers of History. Latin American Readings for a Cultural Age*, New York, Palgrave Macmillan, 2005.
- Santos, Boaventura de Sousa, «Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, Pós-colonialismo e Inter-identidade», in *A gramática do tempo. Para uma nova cultura política*, Porto, Afrontamento, 2006, pp. 227-276.

Memorie coloniali: *la Casa dos Estudantes do Império*

MICHELA BENNICI

Università degli Studi di Milano

michela.bennici@hotmail.it

1. LA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

Durante il periodo di reggenza di António Oliveira Salazar (1933-1974), la scuola fu palcoscenico privilegiato per l'insegnamento forzato dei valori fondanti del regime dittatoriale. I manuali scolastici, scrupolosamente selezionati e censurati dal *Ministério da Educação Nacional*, sono oggi testimoni involontari di tali principi: glorificazione della politica del regime e del suo leader Salazar; ruolo subalterno della donna, angelo del focolare confinata fra le mura domestiche; carità, spesso confusa con la funzione sociale dello Stato; difesa dei valori religiosi e rurali del paese; gloriosa storia della nazione portoghese, rappresentata in mille variazioni come nazione eletta e erede di un impero coloniale solido e duraturo. Irrefutabile nei suoi principi, l'istruzione scolastica nelle colonie era sottoposta a una dura repressione.

L'*Estado Novo* non scommesse sull'allargamento dell'insegnamento nei territori delle colonie. La nascita di istituti scolastici superiori nelle colonie portoghesi è tardiva e si circoscrive all'Angola e al Mozambico, territori di importanza maggiore in termini politici, economici e sociali, e gli unici di popolazione bianca. Le prime scuole superiori risalgono infatti al 1962, a Luanda e a Lourenço Marques, e solo nel 1968 vengono fondate le prime università. I giovani studenti delle colonie che volessero frequentare un corso superiore e avessero le disponibilità economiche per farlo, prima di quella data, erano costretti a lasciare le loro terre e andare a Lisbona, a Coimbra o a Oporto, città, dove in molti casi, non avevano parenti e non veniva garantita loro alcuna assistenza medica, sociale o economica.

Gli studenti provenienti dalle colonie portoghesi che partirono per studiare nelle università della metropoli, sentirono la naturale necessità di riunirsi in associazioni, di fronte

al clima culturale e sociale profondamente diverso in cui si vennero a trovare. Per rispondere a esigenze pratiche, ma soprattutto a difficoltà personali e di aggregazione, sorsero le cosiddette *Casas dos Estudantes Ultramarinos*, con funzioni assistenziali, ricreative e culturali, in cui era possibile il confronto e la condivisione di ricordi, disagi e difficoltà. Nel dicembre del 1941, a Coimbra, un gruppo di studenti mozambicani fondava la *Casa dos Estudantes de Moçambique*; nel novembre del 1943, grazie all'iniziativa di poco più di una dozzina di studenti angolani, venne fondata, a Lisbona, la *Casa dos Estudantes de Angola*. Nel frattempo, sempre a Lisbona, Sócrates Dáskalos, Alberto Manos de Mesquita e altri formano una *Comissão Organizadora da Casa dos Estudantes de Angola*, che si sarebbe installata poco dopo in *Rua da Praia de Vitória*. L'effimera storia della *Casa dos Estudantes de Angola* si esaurì nell'arco di pochi mesi, per lasciare spazio alla *Casa dos Estudantes do Império*, fondata con lo scopo di riunire tutti gli studenti provenienti dalle colonie dell'*Ultramar*¹. L'organizzazione aveva il sostegno dell'allora *Ministro das Colónias*, José Vieira Machado, e del *Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa*, Marcelo Caetano. La visita del *Ministro das Colónias* alla *Casa dos Estudantes de Angola*, nel 1944, costituisce un momento decisivo nella fondazione della *Casa dos Estudantes do Império*. José Vieira Machado dichiarò in quell'occasione la necessità di creare un'istituzione in grado di riunire tutti gli studenti provenienti dalle colonie portoghesi:

A Casa dos Estudantes de Angola era útil, mas insuficiente; achei mal porque a criação das casas das nossas colónias eram como que capelinhas que se formavam. Daqui a necessidade da criação da Casa dos Estudantes do Império. No entanto, o maior mérito dos rapazes de Angola está em que foram eles os iniciadores deste magnífico movimento. Queremos as colónias integradas num todo nacional. Portugal não deve ter uma mentalidade metropolitana e uma mentalidade colonial – mas uma mentalidade Nacional².

Durante la visita, il ministro assicurò che la *Casa dos Estudantes do Império* sarebbe stata realizzata nell'arco di tre anni. Si evince il chiaro interesse da parte del regime verso l'istituzione. Le parole del ministro sigillavano un patto, un vincolo politico fra i soci della CEI e il governo salazarista che l'avrebbe legittimata, con benefici per entrambe le parti. È chiaro che il regime non avrebbe potuto permettere la nascita di associazioni di studenti in funzione della colonia d'origine. Innanzitutto perchè la creazione di più associazioni sarebbe andata contro l'idea di unità di Impero portoghese, propagandata nel discorso ufficiale, ma anche perchè questo avrebbe reso difficile il controllo delle attività delle diverse *Casas*. Non ci sono dubbi sulla nascita legale e legalizzata della CEI, strettamente dipendente, sia economicamente, che culturalmente dal governo. La CEI nacque come consacrazione politica in difesa dell'impero coloniale. Secondo la volontà del regime salazarista, la CEI avrebbe contribuito al rafforzamento della mentalità imperiale e al sentimento nazionalistico fra gli studenti delle colonie. Malgrado le intenzioni, il controllo e la censura che la polizia di stato non smisero mai di esercitare sulle attività svolte dai soci, la CEI si

¹ L'associazione fu fondata a Lisbona, alla fine del 1944, e non nel 1945, come riportano vari documenti.

² Il discorso del *Ministro das Colónias* del 1944 qui riportato, è stato tratto da Dias, Ângelo, «*Pela sua acção no campo de assistência, cultural e despotivo, a "Secção de Angola" da CEI marca uma posição inconfundível e notável*», in *Mensagem Angolana* (ottobre 1948), pp. 60-61. [¿manca il numero? ¿è rivista?]

rivelò presto uno spazio di fermentazione di coscienza anticoloniale, di contestazione al colonialismo e di nascita di sentimenti patriottici rivolti ai rispettivi paesi di provenienza. Risvegliò una coscienza critica verso la dittatura e il sistema coloniale e una volontà di (ri) scoprire e valorizzare le culture dei popoli colonizzati.

1.1. Prima fase: organizzazione della cei

Nell'ottobre del 1944, la sede della CEI viene insediata in *Rua da Praia da Vitória*, a Lisbona. Il primo presidente è Alberto Marques Mano de Mesquita, il quale, nipote del governatore generale dell'Angola, dà garanzia di appoggi finanziari e materiali all'associazione. Nel novembre dello stesso anno, la CEI si trasferisce al numero 23 dell'*Avenida Duque d'Ávila*, dove rimarrà fino alla sua chiusura. Quasi contemporaneamente, nasce la delegazione della CEI di Coimbra, in *Rua de Aires de Campos*, al numero 18.

Durante questa prima fase, la CEI si organizza in sezioni, corrispondenti alle aree geografiche di provenienza degli studenti, e si avvale di sussidi concessi dal governo coloniale, dal *Ministério das Colónias* e da aziende che operavano nell'oltremare. «Podemos dizer que as actividades da CEI se verificam no Campo Cultural, assistência financeira, médica e de desportos, que por sua vez estão subdivididos em secções»³: come viene descritto dall'allora presidente, Arnaldo Figueira, le attività della CEI non si esauriscono nell'ambito strettamente culturale, ma si estendono al campo assistenziale, finanziario e medico. Nel campo culturale è da ricordare l'esistenza di una biblioteca, di circa tremila libri, a disposizione completa dei soci. Regolarmente, tutte le domeniche, vengono organizzate tavole rotonde – ad eccezione dell'ultima domenica del mese, lasciata libera per favorire la conoscenza reciproca fra gli studenti – su tematiche di varia natura, in particolare coloniali, alle quali i soci partecipano e discutono liberamente al termine della conferenza. Sono garantiti servizi di assistenza medica e finanziaria: pensioni, prestiti e borse di studio. Vengono organizzati eventi sportivi, ciascuno facente capo a diverse sezioni.

La gestione dei fondi da parte della CEI si rivela presto fallimentare. Alla fine del primo anno di vita, si profila la minaccia della scomparsa a causa della difficile situazione economica. Nel giugno del 1945 viene eletta una nuova direzione per risolvere la crisi. Il nuovo presidente, Aguinaldo Veiga, scrive al *Ministro das Colónias*, Marcelo Caetano, per chiedere aiuto, il quale concede un sussidio di emergenza di quindicimila scudi. Questo episodio rivela l'impegno del governo per il buon funzionamento dell'associazione. Recuperato l'equilibrio finanziario, la CEI prosegue la sua missione di assistenza e cultura, e accoglie un numero sempre maggiore di soci. Alla fine del 1945 la CEI conta circa 600 associati e la delegazione di Coimbra, 116.

A partire dal 1946, quasi tutti i soci dirigenti della CEI, tanto a Lisbona quanto a Coimbra, si iscrivono alle liste del *Movimento da Unidade Democrática* (MUD)⁴ e si uniscono

³ Arnaldo Figueira, «*Actividades da CEI*», in *Mensagem Circular*, 1 (luglio 1948), pp. 19-21.

⁴ Il MUD era un'organizzazione politica contro la dittatura. Sorse alla fine del 1945 ed era caratterizzata da una forte adesione da parte dei giovani e degli studenti. Ispirò una marcia composta da Fernando Lopes Graça, con testo di José Gomes Ferreira. I dirigenti del MUD furono drasticamente puniti dalla dittatura attraverso campagne diffamatorie, interrogatori, arresti da parte della polizia politica. Furono allontanati dalle cattedre universitarie una trentina di professori, licenziati docenti di scuole medie e giornalisti, can-

al MUD *Juvenil*. Nel 1948, anno di inizio della pubblicazione del «Boletim Mensagem», gli studenti che dirigono la CEI si schierano a lato dell'opposizione democratica, a favore della candidatura del generale Norton de Matos per la carica di Presidente della Repubblica. Gli anni che vanno dal 1940 al 1950 sono caratterizzati da un crescente impegno politico e sociale da parte dei soci della CEI, la quale comincia ad affermarsi come spazio di aggregazione anti-salazarista, di (ri)scoperta delle culture africane, di affermazione delle proprie identità (diverse da quella portoghese e allo stesso tempo diverse fra di esse), di nascita di una coscienza anti-coloniale, un luogo aperto al dibattito e alla contestazione politica, nel quale passano e “si formano” i futuri leader e militanti dei movimenti di liberazione – Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Mario Pinto de Andrade e Marcelino dos Santos sono solo alcuni dei nomi che diventeranno i protagonisti delle future lotte per l'indipendenza delle colonie portoghesi.

1.1. SECONDA FASE: IL SILENZIO E LA CENSURA DELLA PRIMA COMISSÃO ADMINISTRATIVA

L'impegno politico e culturale e il clima acceso e dinamico della *Casa dos Estudantes do Império* non passano inosservati agli occhi della PIDE. La polizia politica del regime, attenta alle attività della CEI sin dal 1946, informa il *Ministro das Colónias* e inaugura una nuova stagione all'interno dell'amministrazione della CEI. Il 30 maggio del 1952 il governo nomina una *Comissão Administrativa* che dirigerà la CEI fino al 1957. Il *Ministro do Ultramar*, Sarmiento Rodrigues, in una lettera a Salazar del 21 dicembre 1952, mostra tutta la sua preoccupazione in relazione alla situazione della CEI e suggerisce la creazione di una commissione che controlli le attività culturali – e non solo – dell'associazione.

Non ci sono riferimenti all'effettiva creazione della commissione suggerita dal ministro. Quel che è certo è che la CEI, durante questo periodo, risponde alle caratteristiche suggerite da Sarmiento Rodrigues. Si tratta di 5 anni di stagnazione, durante i quali la CEI sarà ridotta a una mera pensione. Viene proibita qualsiasi pubblicazione che non risponda alle esigenze del governo salazarista.

As autoridades coloniais proibiram publicações que não cumpriam os requisitos de mostrar ao mundo uma cultura “colonial-africana”, “ultramarina”, que fosse o símbolo da pretensa unidade territorial, política e cultural do país que, dizia-se, se estendia do Minho a Timor. Foram proibidos, entre outros, a Mensagem angolana, o Msaho moçambicano, a Cultura II (Angola), a Certeza cabo-verdiana, as edições Imbondeiro (Angola), o livro Luuanda, pra além de centenas de textos esparsos que não viram a luz do dia nas centenas das publicações das colónias⁵.

cellati sussidi e borse di studi ai ricercatori. Le vittime della PIDE erano accusate di delitti contro l'opinione pubblica.

⁵ Pires Laranjeira, *Introdução: uma casa de mensagens anti-imperias*, in «Mensagem – Boletim da Casa dos Estudantes do Império», vol. 1, Lisboa, Editora ALAC (África, Literatura, Arte e Cultura), ottobre 1996, p. XV. **[si è rivista, corsivo, anche se è libro]**

Gli studenti continuano a frequentare la sede, lo studio medico e la mensa, ma si rifiutano di collaborare con qualsiasi altra attività promossa dalla *Comissão Administrativa*. L'unica attività svolta dai soci della CEI durante l'intermezzo salazarista è il *Centro de Estudos Africanos*, un ciclo di conferenze che si tengono nella casa di Arlindo de Espírito Santo, tutte le domeniche, per circa due anni. Il programma del seminario viene concordato da Mário de Andrade e Francisco José Tenreiro nell'agosto del 1951. I principali collaboratori dell'associazione – Francisco José Tenreiro, Amílcar Cabral, Mário de Andrade e Alda Espírito Santo – partecipano alla pubblicazione del numero speciale della rivista *Présence Africaine*, 14 (1953), dal titolo *Les étudiants noirs parlent*. Il quaderno di *Poesia negra de expressão portuguesa*, pubblicato nel luglio del 1953, è un'altra delle iniziative del Centro.

1.2. TERZA FASE: POLITICA, CULTURA, ASSOCIAZIONISMO

Il 18 gennaio del 1957 la *Comissão Administrativa* viene revocata. La fine del periodo di gestione della CEI imposta dal governo fu accolta con grande entusiasmo: il ritorno della gestione agli studenti segna l'inizio di una nuova fase nella vita della CEI, caratterizzata da una crescente attività culturale e politica e dall'aumento considerevole di iscrizioni all'associazione (il numero degli studenti della Casa passò in breve tempo da un centinaio a circa cinquecento soci). Il nuovo presidente è l'angolano Paulo Jorge, che rimarrà in carica fino all'elezione di Carlos Everdosa. Seguono Manuel Dias Monteiro e Alberto Rui Pereira, entrambi angolani. La gestione amministrativa viene radicalmente cambiata: per rispondere a esigenze pratiche ed economiche, viene eliminata l'antica divisione fra sezioni corrispondenti alle aree geografiche di provenienza degli studenti. Contrariamente all'obiettivo di censura e controllo sulla CEI che la *Comissão Administrativa* del governo salazariano si era proposta, la ripresa dell'attività da parte dei soci della CEI comporta un rinnovato interesse per i temi cari al colonialismo, per le geografie e le culture delle allora colonie portoghesi appartenenti all'*Ultramar*. Viene costituito a questo scopo un nuovo organo di studio: la sezione di *Estudos Ultramarinos*. Il punto di partenza è lo studio etnologico delle culture e delle società coloniali, la storia, la struttura e il modo di vivere dell'*homem negro*. L'obiettivo è una maggiore comprensione della realtà e delle prospettive "ultramarine". È interessante notare come la ricerca e lo studio di questa sezione non si limitino alla letteratura e alla cultura, ma sia una (ri)scoperta di più ampio respiro. Riprende altresì la pubblicazione regolare del «Boletim» della CEI, sospesa durante la fase di «riorganizzazione» della *Comissão Administrativa*. I testi contenuti non riguardano l'ambito strettamente letterario, ma affrontano tematiche legate all'attualità, alla politica e alla società. Si infittiscono le relazioni personali con studenti – e non – che vivono nelle rispettive colonie. Grande impulso viene dato alle attività culturali: incontri sportivi, serate danzanti, esposizioni, sessioni di cinema e di musica, concorsi letterari. La sezione editoriale, grazie ai contributi di Carlos Everdosa, Fernando Costa Andrade, José Ilídio Cruz, Fernando Mourão e Alfredo Margarido, pubblica antologie di poesie e di racconti angolani, mozambicani e di São Tomé e Príncipe. Opere di Viriato da Cruz, Agostinho Neto, António Jacinto, Luandino Vieira, Mário António, José Craveirinha appaiono nella collezione «Autores Ultramarinos». Nascono letterature nuove e autonome, che si distinguono dalla tradizione letteraria portoghese: le letterature africane di lingua portoghese, e la CEI scommette sulla loro divulgazione.

All'inizio del 1960 la CEI conta circa 600 soci, una mensa, una biblioteca, una sala giochi, uno studio clinico, diretto da uno dei soci fondatori, il medico Arménio dos Santos Ferreira, il quale presta assistenza medica gratuita fino alla chiusura della CEI. Oltre alla sede di Lisbona e di Coimbra, dal 1959 viene creata una terza sede, a Oporto. Durante i primi sette mesi del 1961, la gestione della *Casa dos Estudantes do Império* viene sottoposta nuovamente alla competenza di una *Comissão Administrativa*, come conseguenza degli avvenimenti rivoluzionari in Angola (che segnano l'inizio della lotta armata per la liberazione del paese) e della pubblicazione del manifesto *Mensagem ao Povo Português* in «Mensagem». Il manifesto appoggia le accuse fatte dall'ONU contro la politica coloniale portoghese e propone l'immediato riconoscimento del diritto dei popoli delle colonie all'autodeterminazione. Nello stesso giorno in cui la CEI è sottoposta alla *Comissão Administrativa*, viene distribuito ai soci della CEI, per posta, un comunicato firmato da 73 studenti che contestano la decisione. Il regime e la polizia di Stato sono concordi nella decisione di chiudere definitivamente la CEI, ma incontrano l'inaspettata opposizione da parte dei ministri dell'*Educação Nacional e do Ultramar*; i soci della CEI avevano già dato problemi al regime, quasi tutti erano già stati schedati dalla polizia politica: la *Comissão Administrativa* nomina un delegato per Coimbra e chiude, nel gennaio del 1961, la sede di Oporto.

Nonostante il costante controllo da parte della PIDE, la CEI diventa luogo privilegiato di formazione politica e di contestazione al regime. In quegli anni, decine di giovani si preparano a lasciare il paese, per unirsi ai movimenti di liberazione delle colonie portoghesi. Nei giornali dell'epoca la fuga viene minimizzata o addirittura ignorata, ma in una comunicazione della PIDE, inviata ai *Ministérios do Ultramar, Defesa Nacional, Interior, Exército, Negócios Estrangeiros, Comunicações* e al *Secretariado da Aeronáutica*, si legge: «A CEI funcionava, em Lisboa, como o principal centro recrutador. Não restam dúvidas que se mostra de grande amplitude o êxodo dos estudantes ultramarinos e a clandestinidade da forma como actua»⁶.

1.1. QUARTA FASE: LA CHIUSURA DELLA CEI

Alla fine del luglio del 1961, la *Comissão Administrativa* viene revocata, ma il governo impone alla CEI un'alterazione dei suoi statuti: viene cambiato il nome dell'associazione, nominato un professore universitario nella direzione con diritto di veto e viene stabilito che i sussidi inviati dal governo delle provincie ultramarine sarebbero stati sotto il controllo diretto del *Ministério da Educação Nacional* portoghese. Durante quest'ultima fase la commissione rende disponibili spazi per la realizzazione di riunioni fra i soci e i rispettivi comunicati sono redatti e stampati all'interno della CEI, cosa che concede alla PIDE numerosi pretesti per invadere la sede. Manifesti, libri, riviste vengono sequestrati, i soci della direzione interrogati e incarcerati. Nel 1963 vengono revocati i sussidi stanziati dal *Ministério da Educação*. Le difficoltà economiche della CEI danno origine a un'intensa

⁶ Cláudia Castelo, *A Casa dos Estudantes do Império: lugar de memória anticolonial*, in «Mensagem número especial», Lisboa, Associação Casa dos Estudantes do Império, 1997, p. 13. http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/2244/1/CIEA7_6_CASTELO,%20A%20Casa%20dos%20Estudantes%20do%20Imp%3%A9rio.pdf [data consultazione: ??/??/??].

campagna di solidarietà a cui partecipano le *Associações de Estudantes* di Lisbona. Inutili i tentativi della CEI di scrivere ad alcune testate giornalistiche del paese («República» e «Jornal de Angola») per denunciare il clima di repressione, di censura e di assenza di libertà di espressione. Il periodo di asfissia si conclude il 6 settembre 1965, giorno in cui la CEI viene definitivamente chiusa: i soci vengono catturati e arrestati, la sede invasa dalla PIDE, i libri di conti sequestrati, le iniziative culturali proibite.

1. «MENSAGEM, ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO DA CEI»

A causa delle costanti difficoltà economiche e del potere censorio esercitato dalla PIDE sui soci della *Casa dos Estudantes do Império*, non venne mai pubblicata una rivista da parte dell'associazione. L'unica voce di espressione fu una «Circular» – poi trasformata in «Boletim» – dove i giovani studenti pubblicavano una parte significativa delle loro primizie letterarie. I testi raccolti in «Mensagem» tracciano un profilo politico e culturale di una scuola di intellettuali emergente, nuova, lontana dalla tradizione europea dominante. Si comprende il valore intrinseco dei testi pubblicati su «Mensagem» solo se si tengono in considerazione le condizioni avverse in cui il «Boletim» veniva pubblicato, i limiti territoriali, espressivi ed editoriali degli anni di repressione del regime salazarista. «Mensagem» si proponeva come luogo privilegiato di convergenza delle volontà politiche e culturali degli studenti delle colonie portoghesi, che pretendevano imporre una nuova visione dell'identità africana, nazionale, sociale e individuale. L'intellettuale della CEI metteva in discussione, in primo luogo, il suo posto nella società coloniale e le relazioni con la Metropoli; questionava la legittimità del colonialismo e suggeriva una nuova struttura sociale, fondata almeno sul minimo comune principi dell'anti-colonialismo (intriso a volte di nazionalismo e/o socialismo) in vista dell'indipendenza politica e sociale dei paesi colonizzati.

Il contenuto di «Mensagem» deve essere considerato a partire dalla consapevolezza che i testi pubblicati non riflettono il pensiero culturale e politico dei giovani studenti nella sua interezza, costretto dai condizionamenti imposti dalla censura, dalla repressione e dal controllo che la PIDE non smise mai di esercitare. Ne sono un chiaro esempio le nomine delle due *Comissões Administrativas*, negli anni 1952-57 e negli ultimi sette mesi del 1961. Di fatto, le autorità coloniali non smisero mai di esercitare il loro potere attraverso atti persecutori per limitare le libertà civili e culturali, così come venivano vietate le pubblicazioni che non rispondevano ai requisiti del regime.

Durante la prima fase, fino al 1952, la CEI promuove attività culturali, sportive, ricreative e assistenziali. Nonostante i problemi finanziari, vengono pubblicati 13 numeri della *Circular*, dal titolo «Mensagem». A partire dal 1948, la CEI è già più “africana” che “imperiale”. La gestione da parte della *Comissão Administrativa* fra il 1952 e il 1957, segna la seconda fase della CEI, durante la quale non viene pubblicato nessun organo di informazione. Fra il 1957 e il 1961, l'associazione recupera la vitalità culturale, attraverso esposizioni, rassegne cinematografiche, incontri, dibattiti, conferenze e la ripresa della pubblicazione di «Mensagem», trasformata ora in «Boletim». Le pubblicazioni diventano sempre più sporadiche e sottoposte al controllo della PIDE, in seguito agli avvenimenti rivoluzionari dell'Angola nel 1961 e la nomina di una nuova *Comissão Administrativa*. Gli ultimi anni di vita dell'associazione, vissuti fra ingenti difficoltà economiche, sono caratterizzati da una

presa di coscienza politica forte da parte degli studenti. L'inizio delle lotte di liberazione nazionale nelle colonie portoghesi segnano l'abbandono da parte dei soci della CEI: molti scelgono l'esilio, altri si uniscono alle cause indipendentiste del loro paese.

Sfogliando i testi pubblicati durante gli anni di attività dell'organo informativo della CEI, si evince una chiara attitudine all'omogeneità da parte dei soci. Viene esplicitata la volontà degli studenti di non appartenere a nessun credo religioso, a nessun partito politico. Si veda, per esempio, il documento pubblicato nel 1961 dall'allora presidente della CEI, Carlos Everdosa:

A Casa dos Estudantes do Império é a Casa de todos nós. Porque a CEI é de facto a Casa de todos nós, não pode pertencer a um grupo étnico, rácico, político ou religioso. [...] A única associação que representa indiscutivelmente todos, será aquela que não fizer distinções de natureza política, religiosa ou de qualquer outra natureza. Essa será a Casa de todos nós, essa é a Casa dos Estudantes do Império. Mas a neutralidade política que intransigentemente defendemos para a CEI não impede que os seus sócios, particularmente, participem, sempre que o desejem, na vida política da Nação⁷.

O ancora, nello statuto della *Casa dos Estudantes do Império*, pubblicato nel 1952, si legge:

Art. 4.º - A Casa dos Estudantes do Império não tem interferência em assuntos de carácter político ou religioso, sendo-lhe absolutamente vedado interferir em assuntos de tal natureza.

Art. 5.º - A Casa dos Estudantes do Império não faz distinção de raças ou de cores, credos políticos ou religiosos ou de qualquer outra natureza⁸.

L'omogeneità di intenzioni che viene dichiarata non risponde alla situazione reale. Resta da capire se le dichiarazioni di tale supposta omogeneità siano il frutto del controllo costante da parte della polizia politica. Gli anni in cui vengono pubblicate tali dichiarazioni favorirebbero del resto tale tesi. Si tratta infatti di documenti che risalgono al periodo di gestione della CEI da parte della *Comissão Administrativa*, o all'ultimo periodo di vita della CEI, in cui i controlli diventano sempre più frequenti e intensi.

Possiamo supporre invece che non esisteva una linea unanime fra gli studenti della CEI in relazione ai temi coloniali, o di più ampio respiro politico e sociale. Le correnti di pensiero, senza pretese di esaustività, erano essenzialmente due: la prima, comprendeva i giovani intellettuali che durante il primo decennio di attività della CEI pubblicarono testi solidali con i popoli neri e colonizzati, ma che si allontanarono progressivamente dalla forme più radicali di lotta politica; contrari a qualsiasi tipo di compromesso con l'anti-colonialismo, costituivano la linea più moderata. Fra questi, Francisco José Tenreiro, Orlando de Albuquerque, Luís Polanah. La loro lotta si giocava sul piano civile e culturale e, sin dai primi anni, è chiara la lontananza delle loro posizioni rispetto alle correnti ideologiche più radicali. Agostinho Neto, Lúcio Lara, Mário de Andrade e Marcelino dos

⁷ Carlos Ervedosa, «*Informação e problemas da CEI*», *Mensagem*, 1, Ano XIV. **[riferimenti bibliografici? la rivista senza in]**

⁸ [S.a.], «*Dos Estatutos, capítulo I*», *Mensagem*, 13, Ano III (1952). **[riferimenti bibliografici?]**

Santos – solo per citarne alcuni – si attestavano su posizioni più marcatamente di sinistra e favorevoli alle lotte armate di liberazione.

Sebbene sia innegabile l'eterogeneità delle posizioni ideologiche e politiche dei soci della CEI, è possibile evidenziare alcune tematiche che si sviluppano negli anni di attività di «Mensagem». La permanenza di vestigia ideologicamente conservatrici si manifesta nell'articolo di Alda Lara, *Os colonizadores do século XX*, pubblicato sul primo numero della *Circular*. I «nuovi colonizzatori» sarebbero i giovani studenti «ultramarini», in linea con la tradizione paterna, sotto le mentite spoglie di avvocati, artisti, intellettuali, professori. Il colono povero trova qui il riconoscimento del suo valore: in condizioni avverse, ostili, fu in grado di intraprendere un lungo viaggio, alla ricerca di un futuro migliore. La sua impresa era motivata da interessi materiali, e non da ordini superiori o convinzioni coloniali – «Mística do Império, Fé da Colonização», come era invece per militari e missionari.

Nós somos os colonizadores do século XX, assim como os nossos pais o foram, erguendo casas, constituindo famílias, fomentando indústrias, e embora em seu proveito, sacrificando muitos anos da sua vida, por um causa que iria provocar o desenvolvimento da Colónia! Apesar de atraídos pela visão do dinheiro, eles foram verdadeiros colonizadores, embora o seu Ideal fosse menos altruísta, mas incontestavelmente mais humano. Na verdade, eles podiam ter desertado quando o isolamento era maior, e mesmo desprezando a fortuna, ter abandonado Angola; mas ficaram! Podiam depois de já terem vencido regressar à Metrópole, e levar consigo o dinheiro que a terra lhes dera a ganhar, sem nada fazer em seu proveito; mas ficaram ainda! Ficaram para pagar a sua dívida de gratidão. Ficaram para que os seus filhos fossem angolanos, para que o seu dinheiro erguesse casas, fábricas, e cinemas. Ficaram e nunca mais a hão-de-abandonar! Aí está o seu valor. Valor que ninguém lhes tirará!⁹.

Un altro documento attesta la permanenza delle dinamiche coloniali, *Excerto da palestra de Restauração de Angola*, di António Neto. I modelli culturali imposti dal moderno Occidente metropolitano su tutti quei territori che sono entrati in relazione con esso e gli stereotipi attribuiti ai popoli colonizzati, in particolare ai neri d'Africa, ricostruiscono il profilo di gente primitiva e selvaggia: indolenza, sensualità, carenza di igiene e di istruzione, superstizione, ignoranza, affabilità sono le caratteristiche dello stereotipo degli africani e dei popoli sudamericani. Tali stereotipi erano talmente radicati nelle relazioni di potere fra dominatori e dominati, che venivano accettate e riproposte dagli stessi africani – mozambicani, angolani, capoverdiani:

Há em Angola cerca de quatro milhões de negros de todos os tipos, de todas as raças. Congoeses ventrudos e tagarelas, cabindas amorais, oferecendo as mulheres a quem as queira, na mais repugnante forma de prostituição, mas com uma intuição maravilhosa para os trabalhos manuais; ambaquistas pedantes, falsamente civilizados, inundando a administração de requerimentos e protestos! Quicos robustos, que limam os incisivos da frente em V muito aberto; mís indolentes e ladrões; mu-humbos esbeltos, de corpos lindíssimos nas mulheres; cunhamas ôcumatos orgulhosos, valentes, profundamente leais mas

⁹ Alda Lara, «Os colonizadores do século XX», *Mensagem*, 1 (luglio 1948), p. 6. [AGGIUNGERE AI RIFERIMENTI BIBLIOGRAFICI?]

intolerantes com as humilhações; mucuitos atrasadíssimos, cavernícolas, de linguagem rudimentar; bosquimanos estranhos, primitivos, claros como mestiços, horrorosamente feios. [...] Os negros! Como são pitorescos, por mais más qualidades que revelem, às vezes. Como são ingénuos, dedicados a quem os trate bem, trabalhadores, obedientes, submissos; que habilidade a sua para certos misteres, e que singela e tocante a poesia das suas lendas, da sua música, da sua poesia¹⁰.

In contrapposizione, un'altra linea di pensiero, panafricanista, che si manifesta nell'articolo di Mário de Andrade, *A literatura negra e os seus problemas*, in cui appare per la prima volta in Portogallo e nelle colonie, nel luglio del 1951, il neologismo *Negritude*. In netta opposizione allo spirito accomodante, conciliante con le teorie care al colonialismo, nell'articolo, che costituisce uno dei primi momenti della teorizzazione *negritudinista*, Mário de Andrade rifiuta i modelli coloniali, rilancia il valore della «literatura negra» e accenna ai movimenti *negrísti* e ai suoi rappresentanti più significativi, manifestandosi dichiaratamente a favore delle poetiche di Langston Hughes, Nicolás Guillén, Léopold Senghor e Aimé Césaire. Propone un lavoro «de interpretação de expressão literária-negra», intesa come letteratura orale e scritta dei popoli africani e americani.

Durante la seconda fase (1952-1957), come si è detto, la pubblicazione di «Mensagem» viene interrotta. La terza fase della CEI (1957-1961) inaugura la pubblicazione del «Boletim», i cui primi tre numeri sono un bilancio dei conti (*Relatório e contas*), notizie e progetti da realizzare (*Programa*). È la fase di ricostruzione delle attività della CEI, dopo il periodo di ingerenza da parte della *Comissão Administrativa*. Gli studenti approvano tre nuovi statuti nel gennaio del 1957, inaugurando un periodo di intensa attività editoriale e di ricerca, studio e divulgazione dei valori culturali «ultramarini». Vengono pubblicate antologie di poesie, racconti, saggi e opere letterarie degli studenti della CEI. Si organizzano incontri, concorsi e conferenze su vari temi sociali e letterari. Vengono pubblicati diversi numeri della rivista culturale «Mensagem». Da un punto di vista politico, sono anni di estrema tensione: nel 1956, a Lisbona e a Coimbra, gli studenti africani partecipano con impegno alle lotte accademiche per abrogare il decreto n° 40900¹¹; vengono indette le elezioni del 1957 per la carica di Presidente della Repubblica, chiaramente manipolate; e ovunque sorgono manifestazioni popolari, duramente represses. La letteratura e le arti vengono sottoposte a una ferrea censura. L'unico corpo di idee dove si può incontrare un pensiero, sebbene senza una chiara struttura politica o filosofica, un punto di partenza teorico in grado di spiegare il controverso clima politico e sociale di quegli anni, è incluso nella rivista culturale della CEI. A partire dal 1958 la CEI non ha altro scopo se non quello di lottare per la consapevolezza morale e intellettuale, collettiva e nazionale e per il raggiungimento dell'indipendenza delle colonie. Alcuni africani, tra cui Agostinho Neto, Vasco Cabral, Gualter Soares e Costa Campos, si arruolano tra le fila del *Partido Comunista Português*. Nello stesso anno, la CEI organizza una sezione di *Estudos Africanos*, allo scopo di studiare le culture e le strutture sociali africane. I primi anni del 1960, in seguito a una

¹⁰ António Neto, «Excerto da Palestra Restauração de Angola», in *Mensagem*, 4-5-6 (ott/dic 1948). **[mancano le pagine? sembra che non c'è nella bibliografia]**

¹¹ Lo scopo del decreto era quello di controllare le associazioni studentesche attraverso la *Mocidade Portuguesa*.

nuova ingerenza da parte delle autorità, continuano sulla stessa linea e sono caratterizzati dalla ferma volontà di radicalizzare le proprie posizioni politiche e ideologiche. Le attività della CEI si inseriscono all'interno dei più ampi movimenti studenteschi di contestazione al regime. Durante la crisi accademica del 1962, e la conseguente chiusura delle associazioni degli studenti portoghesi, la CEI offre il suo appoggio, lottando per una *União Nacional de Estudantes*.

Gli ultimi testi pubblicati su «Mensagem» sono esplicitamente provocatori. L'uso sapiente dell'ironia e della satira tagliente permette ai giovani intellettuali di affrontare tematiche sociali e politiche legate all'attualità: razzismo, antropologia, predominio dell'«Europa colta» e sfruttamento indiscriminato dei popoli colonizzati. E ancora, dignità, censura, solidarietà, fratellanza. Gli scritti sociologici di Marcelo Caetano, Vieira Machado, Henrique Cabrita e, su tutti, Gilberto Freyre, in linea col pensiero coloniale, vengono apertamente contestati. Si veda il testo di Lúcio da Câmara, *Dialéctica da verdade*, apparso in «Mensagem» nel 1962, nel quale l'autore scardina i preconcetti razziali, fonte di complessi di inferiorità dell'uomo nero nei confronti dell'uomo bianco. Il contenuto del testo è rivoluzionario, se si considera il momento storico, e denuncia la mancanza di voce da parte dell'uomo nero.

Se quisermos recorrer a um exemplo prático, podemos procurá-lo no Sr Gilberto Freyre. No seu nunca assaz louvado volume “Aventura e Rotina”, diz ele o determinado passo, referindo-se ao traje dos pescadores da ilha de Luanda, que por certo neles existe reminiscência de contactos com escoceses. Tese peregrina esta, que sempre me surgiu como a vontade extrema de submeter todos os comportamentos, pensamentos e utensílios do homem africano a uma desinência branca, que não só lhe negaria todas as essências próprias, mas o levaria a auto-negação castrativa¹².

La cultura africana è stata per secoli oggetto di falsificazioni e mistificazioni da parte del pensiero europeo, viziato da stereotipi e preconcetti razziali. Continuamente condizionata dalla visione euro-centrica, è esistita solo parzialmente, raccontata attraverso la voce di chi non ne faceva parte. Alcuni studenti della CEI durante i primi anni di esistenza della stessa erano stati fortemente condizionati dalle teorie del luso-tropicalismo – teoria proposta dal sociologo brasiliano Gilberto Freyre nel 1954, strumentalizzata dal colonialismo ufficiale, fino a diventarne il presupposto teorico. Sebbene alcuni intellettuali africani non arrivarono mai a contestare il luso-tropicalismo (si pensi all'articolo di Mário Oliveira, *Una vasta zona de mestiçagem cultural*, in cui veniva difesa tale teoria), la tendenza era la radicalizzazione delle posizioni ideologiche e politiche e l'attacco alle teorie giustificative del colonialismo.

Molti segnali hanno preannunciato la fine della *Casa dos Estudantes do Império*: la prigione per alcuni dei soci – Agostinho Neto, Fernando Mourão, Alfredo Margarido, solo per citarne alcuni; la censura di molte opere e il divieto della conferenza di Manuel Ferreira sulla letteratura capo-verdiana. L'associazione viene chiusa definitivamente dalla polizia politica nel 1965. L'ultimo numero di «Mensagem» a noi pervenuto, risale al luglio 1964, sotto la gestione dell'allora direttore Alberto Rui Pereira. Nello stesso anno, la PIDE chiude

¹² Da Câmara, Lúcio, «Dialéctica da Verdade», in *Mensagem*, 4, ano XIV (novembre 1962).

la *Sociedade Portuguesa dos Escritores*, per avere consegnato il *Grande Prémio de Novelística* al romanzo *Luuanda*, di José Luandino Vieira. La dura repressione da parte del regime salazarista non lasciava spazio a una “terza via” moderata, di compromesso col governo, in particolare in seguito alla radicalizzazione ideologica e all’inizio delle lotte di liberazione nazionale per il raggiungimento dell’indipendenza.

2. MEMORIE POST-COLONIALI

In seguito al raggiungimento dell’indipendenza dei nuovi paesi africani di lingua portoghese e alla scomparsa della prima generazione di studenti che avevano frequentato la *Casa dos Estudantes do Império*, si profilava la minaccia dell’oblio. La sede della CEI di Lisbona era stata chiusa e sigillata, i documenti contenuti in essa, sequestrati e eliminati; di fronte ai silenzi della storiografia “tradizionale”, gli antichi soci cominciarono a manifestare il desiderio di recuperare la memoria di quello spazio fisico, sociale e simbolico, la cui importanza storica è innegabile.

Il Comune di Lisbona, nel 1991, aprì le trattative con il proprietario dell’immobile in *Avenida Duque d’Ávila*, antica sede dell’associazione dal 1944 al 1965, per l’apertura di un museo o di un centro di cultura africana. Venne posta una placca commemorativa nel terreno, di fronte all’edificio, in pietra calcarea, con l’iscrizione: «Casa dos Estudantes do Império – 1943-1945. Homenagem da Cidade de Lisboa – C.M.L. 1992». La cerimonia di inaugurazione, avvenuta significativamente il 25 aprile del 1992, fu il tentativo di dimostrare il vivo impegno e la partecipazione da parte del Comune nella ricostruzione della memoria di quel periodo.

Ma gli anni trascorrono senza che il progetto venga realizzato e l’edificio viene abbandonato al suo stato di deterioramento. In occasione dell’anniversario dei cinquant’anni dalla fondazione della CEI (1994), il rinnovato desiderio da parte degli antichi soci di ricostruire il patrimonio culturale e sociale, porta alla realizzazione di un ciclo di incontri e conferenze sul tema. Viene costituita una nuova associazione, la ACEI, uno spazio di dibattito per la gioventù africana, per dialogare e discutere delle proprie esigenze, in un ambiente propizio e aperto. La ACEI preserva l’esperienza del passato e la riattualizza in funzione di preoccupazioni attuali. Il riscatto della memoria dell’antica *Casa dos Estudantes do Império* passa attraverso alcune iniziative editoriali – la pubblicazione dell’antologia di poesie della CEI (1994), la riedizione di tutti i numeri del «Boletim Mensagem» (1996), la pubblicazione di un numero speciale di «Mensagem» (1997) – e l’appello alla storiografia “tradizionale” per non dimenticare i fatti storici e culturali avvenuti nel periodo interessato. La letteratura ha in parte contribuito a dare voce ai silenzi della Storia, attraverso le memorie e i racconti degli antichi soci della CEI. Si pensi al romanzo di Pepetela, *A geração da utopia* (1992), o *Os netos de Norton* (1994), di Orlando da Costa, testimoni di una realtà storica, troppo spesso ignorata.

RIFERIMENTI BIBLIOGRAFICI

- Castelo, Cláudia, *A Casa dos Estudantes do Império: lugar de memória anticolonial*, «Mensagem número especial», Lisboa, Associação Casa dos Estudantes do Império, 1997. http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/2244/1/CIEA7_6_CASTELO,%20A%20Casa%20dos%20Estudantes%20do%20Império.pdf (data consultazione: 22/09/2012).
- Faria, António, *Linha estreita da liberdade: A Casa dos Estudantes do Império*, Faculdade de Letras de Lisboa, Edições Colibri, 1997.
- , «Sentimento Africano: Alfredo Margarido», *Latitudes*, 24 (2005), pp. 45-48.
- Ferreira, Manuel – Amarilis, Orlanda, *Mensagem – Boletim da Casa dos Estudantes do Império* – 1° vol., Lisboa, Editora ALAC (África, Literatura, Arte e Cultura), 1996.
- Laranjeira, Pires, *Introdução: uma casa de mensagens anti-imperiais*, in «Mensagem – Boletim da Casa dos Estudantes do Império» – 1° vol., Lisboa, Editora ALAC (África, Literatura, Arte e Cultura), 1996.
- Margarido, Alfredo, «A sombra dos Moçambicanos na Casa dos Estudantes do Império», *Latitudes*, 25 (2005), pp. 14-16.
- Melo, Daniel, «Out of sight, Close to the heart: Regionalist Voluntary Associations in the Portuguese Empire», *e-JPH*, 1 (2007). http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/html/issue9/pdf/dmelo.pdf (data consultazione: 22/09/2012).